

## **CARLOS QUEIROZ TELLES**

# A HISTÓRIA DA PEDRA GRANDE

ILUSTRAÇÕES MARGARETHE AQUEMI SHIBUYA ITAI





Esta edição possui o mesmo texto ficcional das edições anteriores. Este livro foi originalmente publicado na Coleção Histórias que eu gosto de contar, da Editora Scipione.

A história da Pedra Grande © Carlos Queiroz Telles, 2002

**Gerência editorial** Kandy Saraiva **Edição** Flávia Andrade Zambon

#### Gerência de produção editorial Ricardo de Gan Braga

#### Arte

Narjara Lara (coord.), Thatiana Kalaes (assis.) **Projeto gráfico** Gláucia Correa Koller, Soraia Scarpa (adaptação)

#### Revisão

Hélia de Jesus Gonsaga (ger.)

#### Iconografia

Sílvio Kligin (superv.), Cesar Wolf e Fernanda Crevin (tratamento de imagem)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

T275h

Telles, Carlos Queiroz

A história da pedra grande / Carlos Queiroz Telles ; ilustração Margarethe Aquemi Shibuya Itai. - [3. ed.]. -São Paulo : Scipione, 2016.

40 p. : il.; (Biblioteca marcha criança)

Apêndice

ISBN 978-85-474-0012-5.

1. Ficção infantojuvenil brasileira. I. Itai, Margarethe Aquemi Shibuya. II. Titulo. III. Série.

16-36477

CDD: 028.5 CDU: 087.5

CL: 739995 CAE: 612682

2019 3ª edição 1ª impressão

Impressão e acabamento:



### editora scipione

Direitos desta edição cedidos à Editora Scipione S.A., 2017 Avenida das Nações Unidas, 7221 Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902 Tel.: 4003-3061 / atendimento@aticascipione.com.br www.coletivoleitor.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



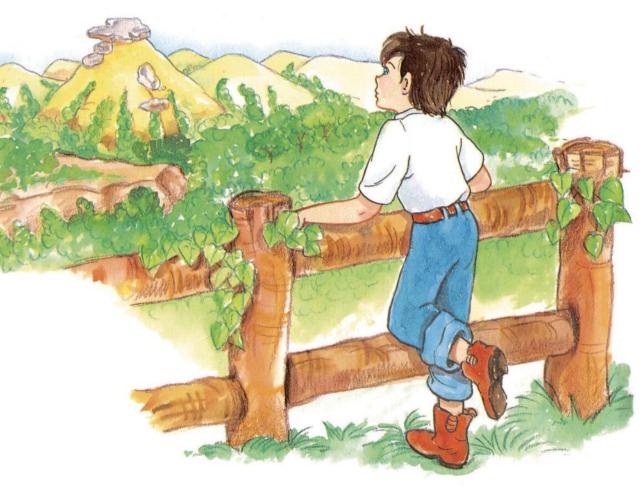


Uns chamam este lugar de Pedra Grande, outros, de Pedra da Montanha. Não importa. Não chega a ser uma grande montanha, mas durante muito tempo foi a única disponível na minha pequena geografia de menino nascido numa cidadezinha de interior. Pedaço de serra comprida, a encosta é coberta por restos de um mato ralo — sobras de queimadas antigas.

Como eu lia muito e tinha uma imaginação disparada, a montanha e sua pedra serviam perfeitamente para alimentar meus sonhos infantis. Afinal, fantasia existe para isso mesmo.

Todos os dias eu achava um tempo para ficar contemplando demoradamente o pico, mesmo quando ele estava encoberto pela neblina da serra. Lá em casa, papai e mamãe brincavam comigo:

— De tanto espichar o pescoço vai acabar ficando com o gogó de ema...



Confesso que durante algum tempo hesitei. Tinha medo de enfrentar a subida. Não pela altura ou pela distância, mas pelos riscos do caminho. Entrar sozinho naquele matagal... sei lá! "E se eu topar com alguma cobra venenosa?", pensava.

O povo da roça dizia que naqueles matos ainda apareciam onças. Não sei se era conversa para assustar as crianças, mas a grande atração turística de nossa cidadezinha era a pele de onça-pintada pendurada na vitrine da farmácia do Seu Tonho. Ele jurava que tinha caçado a fera no alto da serra. Todo mundo conhecia de cor aquela história de caçador:

— Eu vinha voltando para casa, quando escutei o miado da onça...

E se fosse verdade? Pedir a alguém para ir comigo seria estragar toda a aventura. Há coisas na vida que a gente ou faz sozinho, ou não faz. Enfrentar e vencer os próprios medos é a mais importante delas. Então, o jeito era ir juntando aos poucos a coragem necessária para a grande escalada.

